REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 252

21 DE DEZEMBRO 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
LISBOA, L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

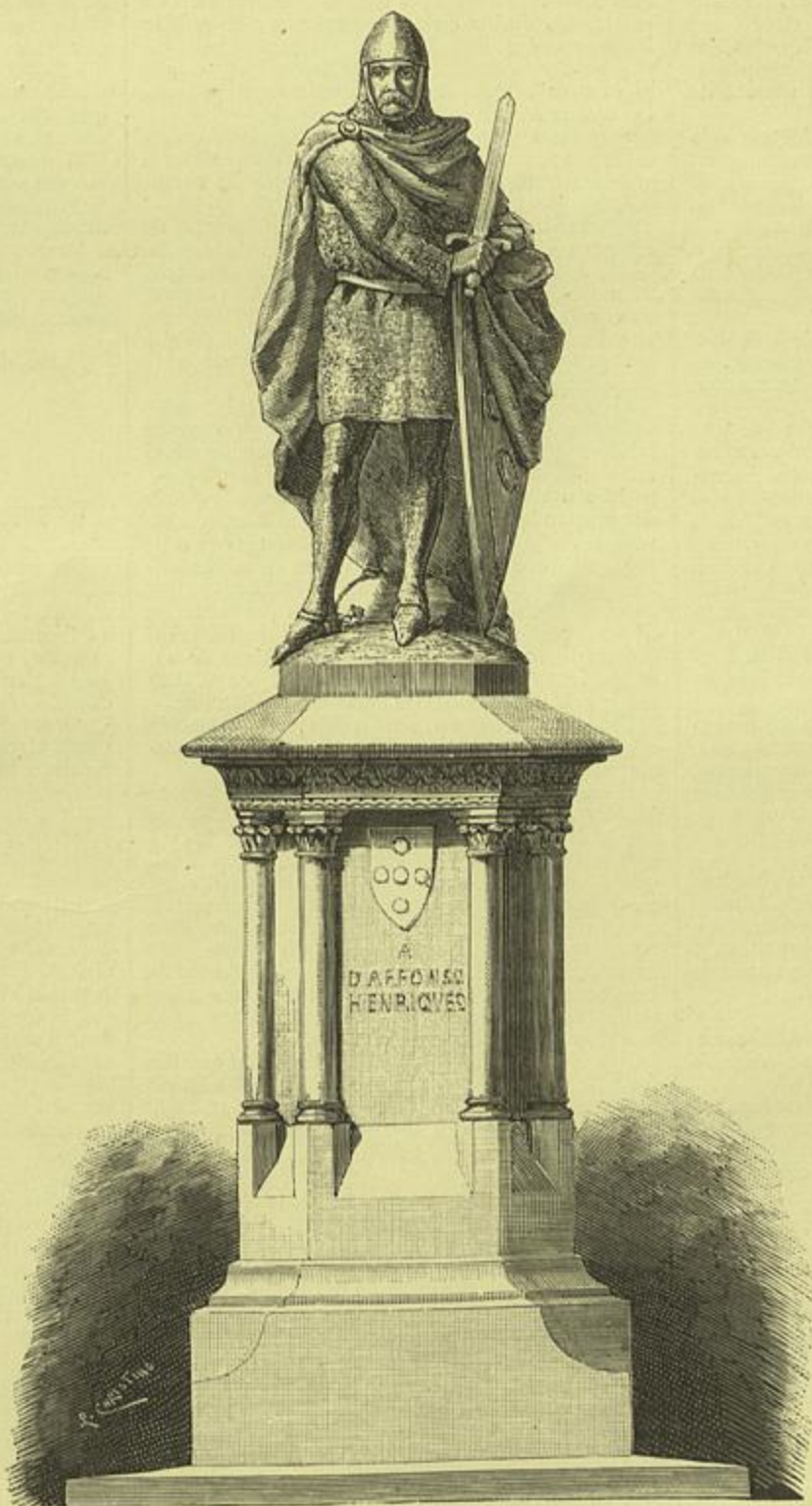
Na segunda feira, 14, á noite, quando os theatros estavam cheios de gente, e os espectaculos em meio, correu de repente, com uma rapidez electrica, por toda a Lisboa uma noticia — terrivel e inesperada — a da morte d'El-Rei D. Fernando.

A noticia desolava toda a gente e era acreditada a custo. O estado melindrosissimo de saude do illustre soberano era de ha muito sabido de todos, por varias vezes mesmo correra com insistencia que o perigo estava emminente e chegara a esperar-se d'um momento para o outro a noticia terrivel d'um fatal desenlace; mas exactamente esse dia fatal em que a triste noticia apparecia agora era aquelle em que essas preoccupações sinistras menos andavam no espirito de todos, em que precisamente ninguem pensava na possibilidade d'um desenlace proximo. El-Rei D. Fernando estivera na vespera ainda no camarote do theatro de S. Carlos a assistir á representação dos *Huguenottes* e n'essa propria segunda feira de dia El-Rei D. Luiz e a Rainha tinham estado na exposição de quadros do Grupo Leão, tinham depois passeado em *landau* pela Avenida: e nada fazia prever que uma desgraça tão grande estivesse pairando sobre a familia real portugueza e sobre a nação inteira.

E por isso a noticia foi recebida com uma justificada reserva: toda a gente viu n'ella apenas um boato infundadado, um d'esses senistros *canards* que se inventam não se sabe como e correm por toda a parte com a rapidez das más novas.

Infelizmente não era um boato, era uma terrivel noticia verdadeira.

Pouco depois da noticia correr em publico, o sino de S. Vicente tocando fóra d'horas dava-lhe lugubremente todo o caracter de authenticidade.

O rei D. Fernando não estava ainda morto, mas agonisava sem que houvesse já a mais ligeira esperança de salvação.

PROJECTO DO MONUMENTO A D. AFFONSO HENRIQUES, EM GUIMARÃES
ESCULPTURA DE SOARES DOS REIS (Segundo uma photographia de E. Biel)

O destino compadecera-se do pobre e grande monarcha, e furtara-o de subito á lenta e dolorosa morte por esphacelamento que ordinariamente epiloga a terrivel doença que o affligia — o cancro, fulminando-o de subito com uma congestão.

Na vespera, no theatro de S. Carlos, quando n'um dos intervallos S. M. sahira do camarote cahira n'um dos degraus. A desorganisação d'uns musculos promovida pelo cancro tinha-lhe provocado havia dias uma atrophia nos orgãos visuaes, atrophia que lhe fazia ver em duplicado todos os objectos. Imaginando por isso que eram dois os degraus do camarote, quando era um apenas, El-Rei D. Fernando cahiu, batendo com a face ulcerada pelo cancro n'uma parede.

Ao principio essa queda parecia não ter tido resultado algum fatal. El-Rei dormiu bem essa noite e na manhã seguinte estava perfeitamente: foi até uma das manhãs que passou melhor. De repente ás 4 ou 5 horas da tarde estando a tomar um caldo teve uma hemorraghia menningea, d'alli a momentos perdeu os sentidos e pouco depois o estado comatoso declarava-se e o illustre principe entrava na ultima agonia, agonia que durou até ás 2 horas e um quarto do dia immediato em que sahiu d'ella para entrar na eternidade.

A morte d'El-Rei D. Fernando entristeceu profundamente todo o paiz que de ha muito andava tristemente preoccupado com a doença do principe cuja gravidade sem esperança conhecia bem.

D. Fernando era estimadissimo por todos os portuguezes, um rei perfeitamente querido e popular: por toda a parte para onde se voltava não encontrava senão sympathias e adorações, e por isso antes do *Diario do Governo* publicar o seu supplemento decretando o luto official, já o luto nacional cobria todo o paiz. Como rei, como homem, como artista, D. Fernando soubera pelo seu caracter, pelo sua intelligencia, pelo seu coração semear amisades e dedicadas sympathias vivissi-

mas: e a fama d'essas altas qualidades espalham-se tanto por todo o paiz, que mesmo quem não o conhecia pessoalmente, o estimava pela tradicção.

O infeliz soberano morreu rodeado pela sua familia, e só o seu filho D. Augusto não poude assistir aos seus ultimos momentos, porque de volta de Madrid onde fôra representar El-Rei D. Luiz nas exequias de D. Affonso XII, não podia sahir do Lazareto de Marvão onde fazia a quarentena regulamentar.

A agonia do illustre principe assistiram os medicos do paço e o assistente de El-Rei D. Fernando, o sr. D. Antonio de Lencastre, um medico que em poucos annos tem adquirido uma justa reputação de capacidade scientifica e que tratou El-Rei com tal dedicação e zelo cuidadoso, que S. M. El-Rei D. Luiz apenas seu pae expirou lhe deu a honra subida de o nomear medico effectivo da sua real camara.

D. Fernando deixou testamento fechado, feito pelo seu proprio punho em 13 de janeiro do corrente anno e em que lega a sua esposa a sr.ª Condessa d'Edla tudo do que por lei poder dispor, declarando querer que n'esse legado entre a magnifica propriedade da Pena com todas as suas dependencias, e pedindo a El-Rei seu filho que dê a sua protecção e a sua benevolencia á sua viuva e que a deixe residir no palacio real das Necessidades se ella assim quizer.

O resto do testamento consta de legados aos seus particulares, aos seus creados, aos empregados menores dos seus palacios de Lisboa e de Cintra.

O testamento d'El-Rei D. Fernando tem sido muito discutido e commentado e mesmo alguns jornaes já chegaram a occupar-se d'elle: nós apenas registamos as suas principaes disposições, abstendo-nos de quaesquer commentarios que não nos julgamos com direito de fazer, e respeitando as ultimas vontades do Rei que dispoz como quiz dos seus haveres pessoaes, como a qualquer cidadão assiste o direito.

O cadaver do monarcha depois de embalsamado e vestido com o seu grande uniforme, foi exposto em camara ardente, onde o visitaram centenares de pessoas.

O enterro deve realisar-se no dia em que este numero do Occidente se publicar, e será com certeza uma cerimonia imponentissima, uma homenagem enorme de respeito e estima pelo illustre morto se o programma do cortejo já publicado na folha official fôr alterado, como deve ser, marcando n'esse cortejo logar para todos aquelles, que não sendo altos dignatarios nem fazendo parte da côrte queiram acompanhar á ultima morada o cadaver do chorado principe.

O Occidente tem que prestar a El-Rei D. Fernando uma dupla homenagem, como rei e homem illustre, e como seu augusto collaborador.

O nosso jornal teve a honra de publicar em tempo um desenho do estremecido monarcha, que, como todos sabem, era um artista distinctissimo, um protector enthusiasta e dedicadissimo de todas as bellas artes; e tinha já a promessa d'um novo trabalho que infelizmente a doença mortal que o accometteu não deixou concluir.

Em testemunho de preito á memoria do illustrado e querido soberano, do distincto e talentoso artista que honrou o nosso jornal com a sua estimada collaboração e com a sua real sympathia, o Occidente dedicará a parte artistica dos seus dois proximos numeros ao illustre principe.

Quando acabavamos de escrever estas linhas recebemos uma noticia fulminante, a da morte do dr. Luiz Baldy.

A impressão enorme que produziu esta lugubre noticia, não nos permitte trabalhar agora um artigo a respeito d'esse excellente homem e eminente medico que se esconde para sempre nas sombras da morte.

O dr. Luiz Baldy era para nós muito mais que um amigo querido, era como que um irmão mais velho, um irmão queridissimo, amantissimo a quem nos prendiam todos os laços da mais estreita amisade e da mais profunda gratidão. A sua dedicação enorme e á sua sciencia notabilissima devemos o mais que lhe podiamos dever, a vida d'uma filha adorada.

A nossa dôr n'este momento terrivel em que recebemos a desoladora noticia da sua morte é tanto maior quanto é profundamente egoista. Choramos a sua ausencia, choramos a sua falta. Não é n'estes momentos d'angustia que a penna pode estar a fazer phrases, o cerebro a elaborar artigos.

Mais tarde, passada esta primeira impressão de surpreza e de dôr, falaremos do dr. Baldy como medico illustre, como escriptor distincto, falaremos a enorme falta que esse medico excepcional faz aos pobres, aos desamparados, de quem era a providencia.

Hoje não podemos fazer artigos, só podemos chorar a morte d'esse querido e honrado amigo e acompanhar com a nossa dôr profunda a dôr da sua desolada familia.

Gervasio Lobato.

PROJECTO DO MONUMENTO
A
D. AFFONSO HENRIQUES
EM GUIMARÃES

«...A sympathia, que em todos os seculos a gente portugueza mostrou pela memoria do filho do conde Henrique, torna-se respeitavel, porque tem as raizes n'um affecto dos que mais raros são de encontrar nos povos, a gratidão para com aquelles a quem muito deveram. Este affecto nacional chegou a attribuir a Affonso Henriques a aureola dos santos, e a pretender que Roma désse ao fero conquistador a corôa que pertence á resignação do martyr. Se uma crença de paz e de humildade não consente que Roma lhe conceda essa corôa, outra religião tambem veneranda, a da patria, nos ensina que, ao passarmos pelo pallido e carcomido portal da egreja de Santa Cruz, vamos saudar as cinzas d'aquelle homem, sem o qual não existiria hoje a nação portugueza, e, porventura, nem sequer o nome de Portugal.»

São estas as palavras memoraveis com que o sabio historiador Alexandre Herculano, define a grandiosa individualidade do fundador da nacionalidade portugueza.

E sem duvida, era necessario um homem da tempera de Affonso Henriques, que ao esforço ingente do seu braço herculeo reunisse as subtilezas de um espirito perspicaz, para conseguir resgatar da voracidade de uns e da ambição de outros, este abençoado torrão, que de pequeno condado que era, se transformou em uma nação independente e respeitada.

O heroe que tão devotadamente soube completar o edificio glorioso, delineado pelo conde D. Henrique e cimentado por D. Thereza; o guerreiro audacioso e o politico sagaz, que com a espada e o bom senso, soube libertar a sua patria das preponderancias castelhanas que a acorrentavam e do jugo sarraceno que a subjugava; o fidalgo nobre e intrepido emfim, que antes das bullas da Santa Sé, havia já recebido da gratidão publica, o titulo supremo de rei dos portuguezes, merecia bem de ha muito, que a sua memoria indefessa fosse não já venerada nos altares de um templo, mas perpetuada nas aras da praça publica sob a egide sacrosanta da canonisação popular.

Era uma divida nacional que estava esquecida e que vae ser agora saldada pela iniciativa benemerita dos filhos de Guimarães.

E com effeito, em nenhuma terra d'este reino melhor estaria um monumento ao inclito filho do conde D. Henrique do que n'aquella que teve a honra assignalada de o vêr nascer, porque é alli que revivem ainda as recordações mais palpitantes da juventude do primeiro monarcha portuguez.

O tempo não derruiu ainda de todo as muralhas possantes do impavido solar que viu desabrochar os primeiros sorrisos do preclaro triumphador de cem batalhas, nem desappareceu tão pouco a humilde capella (1) em que o infante lusitano recebeu as aguas lustraes do christianismo.

Desde a altiva torre do vetusto castello que lhe foi berço, até ao pequeno templo que lhe ouviu balbuciar as primeiras orações, tudo alli nos fala do destemido batalhador cuja figura magestosa e viril vae campear em uma das mais bellas praças da velha cidade.

A idéa do monumento a Affonso Henriques, em Guimarães, nasceu do patriotismo de alguns vimaranenses, á frente dos quaes se acha como presidente da commissão iniciadora, o sr. dr. Motta Prego, presidente tambem do municipio d'aquella cidade.

Reunidos os capitaes que attingiram uma somma se bem que diminuta para uma obra pomposa, sufficiente comtudo para um monumento mais do que modesto, a commissão desviou-se da praxe dos concursos que por via de regra nem sempre teem dado os melhores resultados entre nós, no que respeita a assumptos artisticos e confiou-se ao talento e á honestidade do laureado estatuario portuense Soares dos Reis, que encarregando-se da execução do monumento, associou a esse trabalho o distincto architecto e professor da Academia de Bellas Artes de Lisboa, o sr. José Antonio Gaspar.

Delineado por estes dois artistas o respectivo projecto e approvado pela commissão, lavrou-se no dia 2 de setembro, em Guimarães, o contracto definitivo, segundo o qual, o monumento deverá ficar concluido no praso de dois annos a contar da data da escriptura, sendo o seu custo de 7:000$000, incluindo todos os materiaes e mão d'obra.

É esse projecto que o Occidente hoje reproduz e a reproducção dispensa-nos sem duvida de minuciosidades descriptivas.

O monumento compõe-se de um pedestal de lioz ou vidraço brunido de Pero Pinheiro, de 3^m,30 de alto, e de uma estatua em bronze, de 2^m,70, o que prefaz um total de 6 metros de elevação.

O estylo architectonico do pedestal é o romanico, como o predominante na epocha em que viveu Affonso Henriques. Essa parte do monumento tem de soffrer algumas levas modificações nos *detalhes*, para melhor se caracterisar aquelle estylo, dando-se-lhe a maxima côr local possivel.

Assim os capiteis das columnas que ornamentam o dado serão copiados de um dos existentes no bello claustro romanico da collegiada da Senhora da Oliveira, de Guimarães, o escudo será substituido por outro mais authentico, e os caracteres da inscripção terão a fórma oncial.

A figura do monarcha, de um aspecto nobre e bellicoso, traja o *costume* guerreiro dos cavalleiros da edade media. Apoia-se sobre o escudo e empunha a espada de combate. A estatua será modelada por Soares dos Reis e se bem que no contracto lhe fosse deixada a plena liberdade de a mandar fundir no paiz ou no estrangeiro, é de presumir que seja encarregada da fundição uma das fabricas nacionaes.

O monumento, que apresenta um conjuncto harmonioso e elegante, será assente no Campo de S. Francisco, uma praça pittoresca, que tem por fundo extremo o monte da Penha.

Dentro de dois annos, pois, a cidade de Guimarães possuirá, como padrão preclaro do civismo dos seus habitantes um dos mais bellos e artisticos monumentos do norte do reino.

Porto, dezembro de 1885.

Manoel M. Rodrigues.

Os novos uniformes do exercito portuguez

Por portaria de 31 de outubro de 1884, expedida pela secretaria de estado dos negocios da guerra, foi nomeada uma commissão encarregada de formular um plano geral de uniformes para o exercito, composta dos generaes de divisão, Augusto Xavier Palmeirim, Jeronymo da Silva Maldonado d'Eça, e Antonio de Mello Breyner; dos generaes de brigada, João Manuel Cordeiro, João Pinto Carneiro, João Leandro Valladas, Joaquim Antonio Dias, e José Cyrillo Machado; dos coroneis, de engenheria, Caetano Pereira Sanches de Castro, de artilheria, Paulo Eduardo Pacheco, de cavallaria, David Antonio Cesar da Silva Froes, e de infanteria, José Maria de Almeida; do tenente-coronel do corpo do estado maior, Visconde de S. Januario; do major de infanteria, Joaquim Theotonio Cornelio da Silva; e dos capitães, do corpo do estado maior, Antonio José d'Avila; de engenheria, Carlos Roma du Bocage; de artilheria, Antonio Vicente Ferreira Montalvão; de cavallaria, Filippe Nery da Silva Barata; e de infanteria, José Estevão de Moraes Sarmento; commissão esta que tambem por portaria da mesma secretaria de estado, de 26 de maio do dito anno, fôra encarregada de propôr as reformas que julgasse convenientes dever adoptarem-se na organisação do exercito; sendo louvada n'aquella mesma portaria, pela intelligencia, notavel zelo e assiduidade com que se houve no desempenho d'este serviço.

Em virtude dos trabalhos que apresentou, foi decretado em 1 de outubro do corrente anno, ordam do exercito n.º 15, o plano geral de uniformes, de que fazemos o seguinte extracto, e a que se referem as nossas gravuras, o qual terá completa e inteira execução em 12 de abril de 1886.

Artigos que constituem o uniforme dos officiaes e mais praças do exercito

MINISTRO DA GUERRA

Chapeu armado com arminhos, barrete, casaco de panno azul ferrete com dragonas, gola e canhões encarnados, calça com lista de ouro, dol-

(1) Vide Occidente, vol. 4.º pag. 53.

man, banda, gravata, talim, espada, fiador, luvas, capote e esporas. (Fig. n.º 1.)

ESTADO MAIOR GENERAL

Capacete de couro com penacho branco e tope azul, chapeu armado, barrete, casaco de pano azul ferrete com dragonas, gola e canhões encarnados, calças e calção com listas, banda, dolman, gravata, luvas, espada, fiador, talins, pasta, botas de montar, esporas e capote. (Fig. 1 e 2.)

CORPO DO ESTADO MAIOR

Capacete de couro, com penacho branco e tope encarnado, barrete, casaco de pano azul ferrete com charlateiras, gola e canhões encarnados, agulhetas, dolman, calça e calção com duas listas encarnadas, capote, luvas, banda, espada, fiador, talim, gravata, botas de montar, esporas e pasta. (Fig. 3 no grande uniforme. Vid. fig. 2 no pequeno uniforme.)

ESTADO MAIOR DE PRAÇAS E ALMOXARIFES

Capacete de couro sem penacho, barrete, casaco de pano azul ferrete com charlateiras, gola e canhões pretos, dolman, calça com vivo encarnado. Capote, banda, gravata, luvas, espada com bainha de couro, talim e fiador. (Vid. fig. 4 e 6.)

ENGENHERIA

Officiaes.— Capacete de couro com penacho preto e tope encarnado, barrete, casaco de pano azul ferrete com charlateiras, gola e canhões de velludo preto, dolman, calça e calção com duas listas encarnadas, capote, botas de montar, esporas, gravata, luvas, banda, espada, fiador, talim e pasta. (Fig. 4 no grande uniforme, vid. fig. 2 no pequeno uniforme.)

Praças de pret.— Capacete com penacho preto e tope encarnado, barrete, casaco de pano azul ferrete com platinas de cordão amarello, gola e canhões de pano preto, jaqueta, jaleco de policia, calça com vivos encarnados, capote, sapatos e polainas. (Vid. fig. 14 a 16.)

ARTILHERIA

Officiaes.— Capacete com penacho encarnado, barrete, casaco de pano azul ferrete com charlateiras, gola de pano encarnado e canhões de velludo preto, dolman, calça com duas listas encarnadas, capote, espada, talim, fiador, botas de montar, esporas, gravata, luvas, banda e pasta. (Fig. 4 no grande uniforme, vid. fig. 2 no pequeno uniforme.)

Praças de pret.— Capacete com penacho encarnado, barrete, casaco de pano azul ferrete com platinas de cordão encarnado, gola encarnada e canhões de pano preto, jaqueta, jaleco de policia, calça com uma lista encarnada, capote, sapatos, polainas e gravata. (Vid. fig. 14 a 16.)

ESCOLA E SERVIÇO DE TORPEDOS

Officiaes.— Usarão os artigos dos uniformes das armas e classes a que pertencem.

Praças de pret.— Usarão os artigos dos uniformes de cabos e marinheiros da armada real, com ligeiras modificações.

CAVALLARIA

Officiaes.— Capacete de couro com penacho preto, barrete, 1.º dolman de pano azul ferrete com platinas de cordão de ouro, gola e canhões encarnados, calça com duas listas encarnadas, 2.º dolman, capote, polainas, esporas, gravata, luvas, banda, pasta, espada, talim e fiador. (Fig. 5.)

Praças de pret.—Capacete com penacho preto, barrete, 1.º dolman de pano azul ferrete com platinas de cordão encarnado, gola e canhões d'esta côr, calça com uma lista encarnada, 2.º dolman, jaleco de policia, capote, gravata, luvas, botins, polainas e esporas. (Vid. fig. 14 a 16.)

INFANTERIA E CAÇADORES

Officiaes.— Capacete de feltro com penacho preto, barrete, casaco de pano côr de pinhão com platinas de cordão de ouro, gola encarnada ou preta, canhões de pano preto, dolman, calça avivada de encarnado ou preto, ou com duas listas de pano d'estas côres, capote, polainas, gravata, luvas, banda, talim, espada de bainha de ferro polido para os officiaes montados, e de bainha de couro para os demais, e fiador. (Fig. 6 e 7).

Praças de pret.—Capacete com penacho preto, barrete, casaco de pano côr de pinhão com platinas de cordão preto, calças avivadas de encarnado ou preto, jaqueta, jaleco de policia, gravata, capote, sapatos e polainas. (Vid. fig. 14 a 16)

CIRURGIÕES MILITARES

Chapeu armado, barrete, 1.º dolman de pano azul ferrete com platinas de cordão de ouro, gola e canhões de velludo carmezim, 2.º dolman, calça com uma lista de pano carmezim, luvas, banda, capote, polainas, espada de bainha de ferro polido, talim, fiador e bolsa de curativo. (Fig. 9).

ADMINISTRAÇÃO MILITAR

OFFICIAES NA DIRECÇÃO E QUARTEIS MESTRES

Chapeu armado, barrete, 1.º dolman de pano azul ferrete com platinas de cordão de ouro, gola e canhões de pano azul claro, 2.º dolman, calça com vivos da côr da gola do primeiro dolman, banda, luvas, capote, gravata, polainas, espada de bainha de couro, para os que servem nos corpos de infanteria, e de ferro polido para os demais, fiador e talim. (Fig. 9).

1.ª COMPANHIA

Officiaes.—Capacete sem penacho, barrete, dolman de pano azul ferrete com platinas de cordão de ouro, gola e canhões de pano azul claro, tendo aquella uma carcella de pano carmezim, calça com vivos de pano da côr da gola do dolman, gravata, luvas, capote, banda, polainas, talim, espada de bainha de couro, e fiador. (Fig. 12).

Praças de pret.— Capacete sem penacho, barrete, dolman de pano azul ferrete com platinas de cordão azul claro, gola e canhões d'esta côr, tendo aquella a respectiva carcela, calça com vivos de pano azul claro, jaleco de policia, gravata, capote, sapatos e polainas. (Vid. fig. 14 a 16).

2.ª COMPANHIA

Officiaes.—Teem os artigos dos uniformes de cavallaria ou infanteria, mas o capacete não tem penacho, e os que pertencem a infanteria não usam casaco. (Fig. 12).

Praças de pret.— Capacete sem penacho, barrete, dolman de pano azul ferrete com platinas de cordão azul claro, gola e canhões d'esta côr, tendo na gola o emblema da administração militar, calça com vivos de pano azul claro, capote, jaleco de policia, polainas e sapatos. (Vid. fig. 14 a 16).

VETERINARIOS

Chapeu armado, barrete, 1.º dolman de pano azul ferrete com platinas de cordão de ouro, gola tripartida, sendo as partes anteriores de pano carmezim, com o respectivo emblema, 2.º dolman, calça com uma lista de pano carmezim, capote, gravata, luvas, banda, polainas, espada, talim, fiador e bolsa de curativo. (Fig. 9).

PHARMACEUTICOS

Barrete, 1.º dolman de pano azul ferrete com platinas de cordão de ouro, gola e canhões da côr do pano do dolman, avivados de carmezim, calça com vivos de pano tambem carmezim, luvas, banda, espada de bainha de couro, talim e fiador. (Fig. 11.)

PICADORES

Capacete de couro sem penacho, barrete, 1.º dolman de pano azul ferrete com platinas de cordão de ouro, gola e canhões encarnados, tendo n'aquella o numero do regimento, 2.º dolman, calça e calção com uma lista encarnada, capote, gravata, luvas, banda, botas de montar, esporas, espada, talim e fiador. (Fig. 13.)

SECRETARIADO MILITAR

Chapeu armado, barrete 1.º dolman de pano azul ferrete com platinas de cordão de ouro, a gola tripartida, sendo as partes anteriores de pano azul claro, com o respectivo emblema, 2.º dolman, calça com vivos de pano azul claro, capote, gravata, luvas, banda, espada de bainha de couro, talim e fiador. (Vid. fig. 9 e 11.)

CAPELLÃES

Além das vestes talares e da capa, usarão chapeu de copa baixa e redonda, com cordão e borlas, abas caidas, sobrecasaca de pano preto, de gola voltada, tendo nas bandas o distinctivo da graduação, calça de pano preto, cabeção e volta branca, banda de seda preta com borlas verdes, luvas, botas altas. (Fig. 10.)

COMPANHIAS DE CORRECÇÃO

Officiaes e praças de pret.— Usam os mesmos artigos destinados para a infanteria, sendo as golas pretas avivadas de encarnado, com o numero da companhia a que pertencem, tendo nos barretes as iniciaes *C. C.*

REFORMADOS E ASYLADOS

Officiaes generaes.—Usarão o mesmo uniforme determinado para os generaes na effectividade, substituindo o capacete pelo chapeu armado, e differindo o emblema do barrete.

Os demais officiaes combatentes usarão dos uniformes em que terminaram o serviço effectivo, com as seguintes modificações: o barrete tem vivos brancos, e o emblema é substituido pela inicial *R.* A gola e canhões do casaco são de pano branco. As dos dolmans e capotes, do pano de que estes são feitos.

As calças não teem listas nem vivos.

Para os não combatentes, as golas dos dolmans e dos capotes é para todos branca, tendo n'ellas uma carcela de pano ou velludo da côr da gola dos dolmans, e capotes de que usavam nas classes a que pertenceram.

Os canhões dos dolmans, brancos, e nos capotes, do pano de que são feitos. Sobre as carcelas das golas pregar-se-ha o emblema já indicado.

Os capellães conservam o uniforme de que fizeram uso na effectividade.

Os asylados de Runa usarão o mesmo uniforme determinado para os reformados, com excepção das golas, que serão tripartidas, sendo as duas partes anteriores encarnadas, e a posterior, branca, com as iniciaes *I. M. R.*

Disposições geraes

Pelas côres dos uniformes, além dos respectivos emblemas e distinctivos, se distinguem as differentes armas e classes do exercito.

Pelo que respeita a côres, é:

A côr azul ferrete, adoptada nos casacos, dolmans e barretes, do ministro da guerra, estado maior general, corpo do estado maior, engenheria, artilheria, cavallaria, estado maior de praças e almoxarifes, e dos officiaes e mais praças não combatentes.

A côr de pinhão para infanteria, caçadores, e companhias de correcção.

A encarnada, nas golas do ministro da guerra, estado maior general, corpo do estado maior, infanteria de linha, artilheria, cavallaria e picadores.

A preta, para as golas de engenheria, caçadores, estado maior de praças e almoxarifes, e companhias de correcção.

A azul claro, para a administração militar e secretariado militar.

A carmezim, para os cirurgiões, veterinarios e pharmaceuticos.

A branca, para os reformados.

A branca e encarnada para os asylados de Runa.

O pano de mescla escura é adoptado para os capotes de todo o exercito, e tambem para as calças, com excepção da infanteria e caçadores, e companhias de correcção, que são de pano côr de pinhão.

Os officiaes inferiores e mais praças que lhes são equiparadas em graduação, usam platinas de cordão de seda; e para as demais praças são de lã.

Os officiaes e mais praças combatentes teem o canhão de forma angular, e os não combatentes redondos.

Todos os officiaes usarão nas golas os respectivos emblemas das armas ou classes a que pertencem.

Aos officiaes é permittido fóra de serviço o uso de trajos civis; quando porém vistam os uniformes, farão uso das suas espadas.

Fóra dos actos de serviço poderão fazer uso de luvas pretas, podendo aquelles a quem competem as espadas com bainha de ferro polido, usar n'estas condições, espadas de bainha de couro, como a infanteria.

As praças de pret, fóra de serviço usarão tambem os seus cinturões ou talins com as respectivas espadas bayonetas, terçados, ou espadas.

O ministro da guerra, e o estado maior general, usa banda de seda carmezim listada de ouro; e as de todos os mais officiaes são de seda carmezim com borlas.

Com o dolman para o grande ou pequeno uniforme, colloca-se a banda a tiracollo; sobre os casacos é collocada em torno da cintura.

OS NOVOS UNIFORMES DO EXERCITO PORTUGUEZ

N.º 1 e 2 — Ministro da Guerra e estado maior general

N.º 5 — Cavallaria

N.º 3 — Corpo de estado maior

N.º 4 — Engenheria e artilheria

N.º 6 e 7 — Infanteria e caçadores

N.º 8 — Official em passeio

OS NOVOS UNIFORMES DO EXERCITO PORTUGUEZ

N.º 9 — Administração militar, cirurgiões e veterinarios — N.º 10 — Capellães — N.º 11 — Pharmaceuticos — N.º 12 — Companhias de administração militar — N.º 13 — Picadores — N.º 14, 15 e 16 — Praças de pret

A calça de galão de ouro dos generaes, acompanha o grande uniforme nas occasiões de cortejo no paço e outras solemnidades, devendo á frente de tropas substituil-a pelo calção e bota de montar.
Os officiaes usarão por luto nacional, um fumo no punho da espada, e um outro no braço esquerdo.
Por luto de familia usarão só o fumo no braço.

Providencias mandadas adoptar para a execução d'este plano

Pela ordem do exercito n.º 16, de 12 d'outubro d'este anno, foi determinado que o uso dos antigos uniformes só é permittido por mais seis mezes, e findo este praso nenhum official ou praça de pret poderá fazer uso d'elles.
Foi nomeada uma commissão para a escolha das fazendas que teem de ser empregadas nos uniformes das praças de pret.
Os conselhos administrativos dos corpos foram auctorisados a satisfazer a todos os officiaes quaesquer artigos do novo fardamento que lhes sejam requisitados, mediante pagamento em prestações mensaes.
É effectivamente acertada e justa esta medida, porque do contrario a maioria dos officiaes teria de lutar com insuperaveis difficuldades para satisfazer aquella ordem; louvores, pois, ao director geral e ao chefe da 1.ª repartição do ministerio da guerra, pela iniciativa e interesse que tomaram pela causa dos seus camaradas.

P. M.

AS NOSSAS GRAVURAS

GENERAL SERRANO, DUQUE DE LA TORRE

O nome do general Serrano está de tal modo ligado á historia de Hespanha, que a sua biographia importa as paginas d'essa historia n'um lapso de tempo não inferior a quarenta annos. Tal é a importancia politica d'este vulto que a morte acaba de arrebatar ao seu paiz, com aquella implacavel lei que não tem excepções, e onde terminam todas as ambições e todas as grandezas humanas.
D. Francisco Serrano y Dominguez, duque de la Torre, nasceu em S. Fernando (ilha de Lyon) a 17 de abril de 1810. Era filho de um valoroso chefe das forças que então se batiam contra as hostes sitiadoras de Bonaparte, n'aquella ilha.
Seguindo a carreira militar, ainda em verdes annos, cedo começou a dar provas de valor e de coragem, distinguindo-se nas campanhas de Caserras, Calaf, Arcos de la Cantera, Alcora, Mas del Rey, La Pableta, etc., de tal modo, que ao terminar a guerra era galarduado com o posto de brigadeiro, ao que se seguiram os postos de marechal em 1840, e de tenente general em 1843.
É n'esta data que principia verdadeiramente a sua vida politica, sendo nomeado ministro da guerra pelo duque de la Victoria, regente do reino na menoridade de D. Izabel II.
Serrano poz-se então á frente do movimento que proclamou a maioridade da rainha, e foi um dos seus mais dedicados caudilhos.
Nomeado capitão de Granada, reivindicou para a nação a posse das ilhas Chafarinas, de ha muito abandonadas pelo governo hespanhol. Exerceu os mais importantes cargos militares e politicos, e é assim que o encontramos commandante geral de artilheria, e deputado ás côrtes por Jaen, em 1856, defendendo as regias prerogativas e contribuindo fortemente para o restabelecimento da ordem e dissolução da guarda nacional de Madrid.
Capitão da ilha de Cuba, effectuou a annexação da ilha de S. Domingos para a corôa de Hespanha, e por essa occasião recebeu o titulo de duque de La Torre e grande de Hespanha.
Tomou parte nos graves acontecimentos da madrugada do dia 22 de junho de 1866 combatendo ao lado do duque de Tetuan, recebendo a distinção do Tosão de Ouro.
As continuas agitações da Hespanha que determinaram o desthronamento da rainha Isabel, fizeram com que Serrano fosse deportado para as Canarias; pouco tempo, porém, durou esse castigo, porque Serrano sahindo das Canarias foi pôr-se á testa da revolução de 1868 com o general Prim e almirante Topete.
Os resultados d'essa revolução são bem conhecidos.
Serrano tomou a regencia do reino, entregando depois o poder ao rei Amadeu, e quando este monarcha sahiu de Hespanha e foi proclamada a republica, retirou-se para França, em fevereiro de 1873.
Regressou a Madrid no outono d'aquelle mesmo anno, tomando a presidencia do poder executivo em janeiro de 1874.
Tomou o commando do exercito do norte contra os carlistas, e quando appareceu a proclamação de D. Affonso XII, Serrano entregou o poder ao joven rei ao qual serviu com dedicação e fidelidade.
Falleceu em Madrid no dia 26 de novembro ultimo, isto é, um dia depois da morte de D. Affonso XII, que das mãos d'elle recebera o poder.
Em dois dias a Hespanha perdeu o rei e um dos maiores sustentaculos do throno.

O NOSSO SUPPLEMENTO

A patriotica Commissão Central 1.º de Dezembro de 1640 resolveu juntar ao monumento que levantou na praça dos Restauradores, em Lisboa, monumento grandioso pela idéa e pela arte com que foi executado, um monumento não menos perduravel e significativo que a pedra com que se fazem os pedestaes dos heroes, e o bronze com que se fundem as suas estatuas, o qual é um monumento litterario, que sob o titulo de *A Restauração de Portugal,* relata a historia da revolução de 1640, que restaurou a independencia de Portugal, e que foi ao mesmo tempo a resurreição do valor do povo portuguez, por 60 annos abatido pelos revezes da patria estremecida, a quem a boa estrella das victorias se entenebrecera, na escuridão da morte que se desenrolou pelos areaes africanos.
Ao monumento de pedra que é a consagração de tantos heroes que resuscitaram a patria, junta-se a historia que illustra os seus feitos. O monumento de pedra e bronze aponta ao povo as paginas da epopeia que o determinou; essas paginas encontram-se no opusculo que a digna commissão fez imprimir luxuosamente, completando assim a sua obra patriotica de ensinamento ao povo e de gratidão aos portuguezes, que de novo restauraram a patria de Camões, que parecia ter morrido com o cantor das suas glorias.
É ainda essa benemerita commissão, que no intuito de dar a maxima publicidade á sua obra que é para todos os portuguezes, que nos permitte juntarmos ás paginas do OCCIDENTE o formoso quadro historico que damos em supplemento, e que representa a acclamação do duque de Bragança, el-rei D. João IV.
N'este quadro poderão os nossos leitores avaliar a importancia e a belleza das gravuras que illustram a *Restauração de Portugal,* e para completarmos a idéa da obra litteraria, cuja direcção foi confiada ao talento e á competencia do poeta e escriptor sr. Luiz Augusto Palmeirim, pedimos venia para transcrever o opulento artigo que se refere á acclamação de D. João IV, escripto pelo brilhante estylista o sr. visconde de Benalcanfor, que por tantas vezes tem honrado as paginas do nosso periodico com a sua selecta collaboração.

A ACCLAMAÇÃO

«A restauração do 1.º de dezembro fôra o termo patriotico de sessenta annos de captiveiro. N'esse dia duplamente sanctificado pelo direito e pela fortuna, a alma nacional pulsára de enthusiasmo, exultando no delirio do triumpho.
Haviam resurgido n'uma aurora radiosa a liberdade e a independencia da patria, que os oppressores suppunham morta para sempre, mas que se erguia do tumulo, fitando-os altiva, e quebradas as algemas, alçava os braços vingadores.
N'um côro de vozes concertantes, as provincias e o reino inteiro repercutiram os echos da Acclamação de Lisboa n'aquelle dia memoravel, proclamando rei a D. João IV, o ungido da nação.
Na corôa do novo monarcha portuguez resplandeciam duas joias: uma, a tradição, prendendo-o á dynastia nacional, restaurada pelo movimento do 1.º de dezembro; a outra, o suffragio popular.
Não era preciso mais, para que D. João IV pudesse nem um instante sequer duvidar da sua legitimidade a um tempo antiga e moderna.
Legitimo, elle; intrusos, os Philippes de Castella! Que protesto mais solemne, lavrado por todo um povo contra a situação iniqua da casa de Austria, do que a restauração da sua dynastia nacional na pessoa de D. João IV, acclamado em todo o reino, n'uma explosão formidavel e tocante de applauso?
D. João IV, não obstante ter sido elevado ao throno pela mais indisputada legitimidade, resolveu por prudencia e previsão, sobredoirar o diadema conferido pela vontade popular, com as solemnidades sagradas pela tradição monarchica.
Cercado do prestigio de uma coroação pomposa, seu vulto real irradiaria o respeito e magestade, que infundem as figuras de reis, illuminadas pelo fulgor das cerimonias hieraticas e do fausto cortezão, confluindo umas e outro em torrentes de oiro e pedraria para lhes engrandecer e opulentar a investidura, onde recebem conjunctamente o baptismo religioso e politico para a corôa que vão cingir.
Cumpria a um rei levantado sobre os pavezes populares mostrar á Europa, que o seu throno não era uma edificação improvisada no solo movediço da praça publica, onde um sopro das turbas caprichosas bastaria a derribal-o; e por isso queria revestir esse throno da maxima grandeza, caracteristica das dynastias seguras da propria duração.
Em face do poderoso contendor, que o ameaçava, o rei de Portugal adornava-se com as insignias da magestade, aureolado de pompas, como insinuando conhecer bem o peso tremendo das responsabilidades que acceitára com a investidura, e demonstrar que — rei escolhido pela confiança e amor do povo — a elle principalmente competia affirmar as mais sanguineas esperanças na permanencia da dynastia nacional, de que era representante. A sua firmeza de rei transparecia de certo na solemnidade do acto encaminhado a intimal-a aos que fingissem desconhecel-a. Aos inimigos, que ameaçavam arrancar-lhe a corôa logo aos primeiros impetos, respondia D. João IV, coroando-se com as formulas e estylos da velha monarchia portugueza.
Foi por elle aprazado o dia 15 de dezembro para se effectuar com o maior fausto a solemnidade de ser reconhecido e jurado como soberano verdadeiro e legitimo successor de D. Sebastião e de D. Henrique. É essa scena — uma das mais pinturescas e imponentes da nossa historia — que o sr. Manuel de Macedo, um verdadeiro e robusto talento de artista, pintou vigorosamente na tela, compondo um painel, que resume em si o interesse de um drama animado, pela feliz distribuição dos grupos, pela naturalidade das attitudes, pela expressão physionomica das figuras cheias de vida e pelo escrupuloso estudo das decorações, das insignias, das roupas e cottas d'armas, em que o sr. Macedo é d'um inexcedivel rigor historico.
A cerimonia passa-se no Terreiro do Paço, n'um tablado alto, sumptuosamente ornado, que corre egual com as janellas do palacio.
Sob as pregarias ondulantes dos cortinados de velludo franjado de oiro, apparece-nos sentado D. João, trajado em vestes reaes com uma opa de tela branca semeada de ramos refulgentes, botões e cadeia de diamantes, segurando-lhe a cauda do manto o camareiro-mór. O desembargador dos aggravos, o dr. Francisco de Andrade Leitão, recita uma oração justificativa do acto, que vae ser celebrado pelos tres estados do reino, restituindo estes a D. João IV a corôa usurpada a D. Cathartina por Filippe II; e aviva-lhes o enthusiasmo, assegurando a resolução firme do soberano em arrostar os maiores perigos pela manutenção da independencia. Como aquellas palavras haviam de vibrar nas almas viris dos conjurados do dia 1, e arrebatar o povo, ao qual a lembrança das oppressões ha pouco sacudidas tornava tão cioso da liberdade alcançada de fresco!
Na altivez cavalleirosa dos grandes, que rodeam o throno, o qual ajudaram a restaurar, e em que o rei, sentado, empunha o antigo sceptro de chrystal com remates de oiro — o mesmo que servira aos principes portuguezes, — retratam-se os funccionarios mais elevados da côrte, taes como o marquez de Gouvêa, mordomo-mór; João Rodrigues de Sá, conde de Penaguião, camareiro mór; Luiz de Miranda Henriques, estribeiro-mór; o veador D. Pedro de Mascarenhas; Fernão Telles de Menezes, servindo de alferes-mór. O marquez de Ferreira, airoso, a um tempo cortezão e guerreiro, alça o estoque nu do condestavel Francisco de Lucena concentra-se grave, sob os trajes de secretario de estado.
Diante de nós, despedindo reflexos scintillantes, tumultuam passamanes de oiro, collares preciosos, cintilhos de diamantes com pluma de martinetes, pluviaes de brocado; faiscam espadas; reluzem baculos de arcebispos (o de Lisboa e o de Braga) em contraste com as becas de desembargadores e habitos talares de inquisidores a negrejarem. A este painel irrequieto de velludos, de sedas, de bordaduras, de lhamas e de telas de oiro, rebrilhando em formigueiro, dardejando raios, que cegam, fazem moldura os reis de armas, arautos e passavantes com suas cottas, e os porteiros com as maças de prata, em que o sol accende faiscas e chammas de luz.
Electrisando os corações affeitos ao perigo e preparados para as rudes provações de uma guerra imminente, as musicas nacionaes rompem dos me-

nestreis, chamarelas, trombetas e atabales, dando tons de alegria e de valor á scena circumstante.

N'este resurgir da patria para a antiga vida nacional, entoando hymnos de jubilo e sorrindo, desdenhosa, dos oppressores expulsos pelo seu vigor, que não cessam de ameaçal-a, em quanto vae afiando a espada, anciosa de trocar as canções alegres pelos cantos guerreiros, parecem condensar-se os mil rumores ne uma alvorada de primavera, em que desabotoam as flores, e as nascentes derivam em prata liquida por esmeraldas de relva.

Entretanto, se deslumbra o sol que illumina a resurreição de uma nacionalidade mutilada e escrava, não é difficil descortinar no horizonte uns leves negrumes precursores de procella. Não importa! Nas dobras da bandeira das Quinas, que o alferes-mór desenrola na solemnidade, onde D. João IV firma na fronte a corôa de que acabam de cingil-o sob juramento os tres estados, confirmando-lhe a acclamação popular, parece já palpitar o vento que ha de enfunar de novas victorias essa bandeira gloriosa de Aljubarrota, em Montes Claros e no Ameixial.

Visconde de Benalcanfôr.

O CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA

(Continuado do n.º 250)

Concluindo a rapida noticia ácerca do Concelho Superior de Instrucção Publica, resta-nos falar dos doze vogaes que constituem a secção permanente do concelho e do seu secretario, cujos retratos demos no nosso numero de 1 de dezembro, entretanto todos elles são tão conhecidos pelas suas altas intelligencias e pelos elevados cargos que occupam no nosso paiz, que se torna desnecessario apresental-os ao publico.

O conselheiro Jayme Constantino de Freitas Moniz, é como dissemos já, o vice-presidente do conselho. Lente e director do curso superior de lettras, director da secretaria da Camara dos deputados, par do reino, eleito ha pouco pelas corporações scientificas. Jayme Moniz é uma das mais illustres capacidades intellectuaes da nossa terra.

A um talento excepcional, Jayme Moniz reune uma illustração extraordinaria, uma educação moderna completissima que o tornam uma auctoridade por todos respeitada.

A sua eloquencia brilhantissima é das mais assombrosas que temos conhecido: e não conhecemos orador que o exceda. Ha desoito annos tivemos a honra de ser discipulos de Jayme Moniz no curso superior de lettras e nunca mais nos esqueceu a fascinação prodigiosa que sobre nós exercia o seu verbo inspirado e excepcional.

Jayme Moniz foi ha annos ministro da marinha, mas o seu talento não se amolda facilmente ás conveniencias restrictas da politica, e é por isso mesmo que sendo um orador academico, um orador forense, verdadeiramente excepcional, Jayme Moniz não conquistou nem procurou conquistar no parlamento os triumphos enormes a que lhe dava direito a sua colossal eloquencia.

Despreoccupado completamente de ambições politicas, acima de tudo homem de estudo, homem de gabinete, Jayme Moniz tem-se dedicado ao estudo importantissimo da instrucção publica e d'ahi a bella organisação do Conselho superior de instrucção, obra perfeitamente sua e que tanta honra faz á sua sciencia, ao seu talento e á sua illustração.

Jayme Moniz apezar de tudo o que sabe, das altas posições que occupa é ainda um homem novo, em plena pujança de talento e de actividade é um forte, de quem o paiz tem decerto a esperar ainda muito e a quem tem já dever de agradecer immenso.

José Eduardo de Magalhães Coutinho. — A mais illustre das nossas celebridades medicas: um clinico de primeira ordem, um operador habilissimo, um professor eximio.

Hoje é um jubilado, o que não quer dizer que aquella poderosa intelligencia tenha decahido, que aquelle possante espirito tenha perdido a sua força. Magalhães Coutinho hoje descansa. Teve uma vida activissima, trabalhosa e houve tempo que em Lisboa não se jurava em medicina e em cirurgia senão pelo Magalhães Coutinho: nada mais justo que serenar d'essa fadiga quando os cabellos branqueiam e as rugas apparecem no rosto. Descansando porém da clinica activa, o dr. Magalhães Coutinho, não descansa dos trabalhos de espirito, e collabora ainda com uma pontualidade rigorosa, na administracção de instrucção publica e nos serviços sanitarios officiaes.

O dr. Magalhães Coutinho foi director da Escola Medica e era um professor extraordinario não só pela vastidão e profundeza dos seus conhecimentos, como tambem pela rarissima clareza e nitidez da sua exposição. Nunca ninguem soube melhor ensinar do que Magalhães Coutinho e em materia medica pouca gente terá decerto sabido ensinar mais.

O dr. Magalhães Coutinho foi em tempo director geral da instrucção publica: foi muito tempo medico effectivo do Paço e é uma das personalidades mais illustres do nosso mundo scientifico.

Dr. Thomaz de Carvalho. — Um homem de sciencia e um homem de espirito. Professor eminente e conversador brilhante. É director da Escola Medica de Lisboa, enfermeiro-mór do Hospital de S. José, par do reino e socio effectivo da Academia Real das Sciencias. Homem de sciencia e homem de letras, o dr. Thomaz de Carvalho occupa de ha muito logar proeminente na nossa sociedade mais illustrada. Medico pela Escola de Lisboa, e depois formado em medicina pela Escola de Paris, o dr. Thomaz de Carvalho exerceu pouco tempo a clinica, abandonou ha largos annos a medicina pratica, e só professa sciencia na sua cadeira da Escola de que é um dos principaes ornamentos.

O dr. Thomaz de Carvalho é uma capacidade intellectual das mais illustres do nosso paiz, a sua critica segura e por vezes um pouco caustica, gosa de grande e justificadissima auctoridade: é um espirito d'eleição tendo ao seu serviço uma vastissima e solida illustração classica e moderna, rara n'estes tempos superficiaes que vão correndo.

É um mestre em toda a extensão da palavra, um mestre illustre e glorioso.

O conselheiro Antonio José Viale. — Um classico perdido no ultimo quartel do seculo XIX: escreve latim como um dos mais primorosos estylistas do seculo de Augusto, fala grego com a correcção elegante do mais illustre atheniense da radiosa Grecia antiga. É um assombro de erudição e de saber. Professor jubilado da cadeira de litteraturas classicas do curso superior de letras, o conselheiro Viale é actualmente ainda conservador da Bibliotheca Nacional e vogal da secção permanente do conselho superior de instrucção publica.

O seu retrato não figura porém ao lado dos retratos dos outros vogaes do conselho superior que demos no Occidente porque tendo nós sollicitado de s. ex.ª, de quem fomos discipulo e de quem somos de ha muito admiradores, a honra da sua photographia, recebemos em resposta uma amabilissima carta de que pedimos licença para transcrever os seguintes periodos.

«Seria, na verdade, muito lisongeiro para mim, que na interessante revista o Occidente apparecesse a minha *merencoria* effigie em companhia tão illustre como a dos meus collegas do conselho superior de instrucção publica. Mas, tendo sempre dispensado de annuir a outros semelhantes honrosos convites, conscio da minha pouquidade e fossilismo, não me posso resolver, a quebrar, aos oitenta annos d'edade, muito antigos e muito firmes protestos.»

Conselheiro João de Andrade Corvo.—Actualmente é nosso representante em Paris, e poucas vezes Portugal tem sido representado no estrangeiro por um homem de tão alto valor intellectual como o conselheiro Corvo. Como homem de sciencia, como estadista, como homem de letras, como parlamentar, Andrade Corvo é uma das maiores glorias da nossa terra. O seu nome é tão illustre e tão conhecido que dispensa qualquer apresentação

Conselheiro Antonio José Teixeira. — Mathematico distincto entre os mais distinctos. Laureado em todos os annos do seu curso, apenas deixou de ser discipulo passou logo a ser professor, e o corpo docente da universidade de Coimbra tem a gloria de contar no seu seio uma capacidade scientifica como é Antonio José Teixeira.

Muitas vezes deputado, o illustre professor não é um orador brilhante, um falador cheio de estylo agradavel: é um homem que estuda a fundo todas as questões, sobretudo as questões financeiras, e que diz claramente, com uma precisão perfeitamente mathematica, tudo o que tem a dizer.

O conselheiro Antonio José Teixeira foi director geral das alfandegas e exerceu esse logar com alta proficiencia, conservando sempre a linha de um homem superior e de um homem delicadissimo: actualmente é vogal do conselho superior de instrucção publica, onde o seu voto é sempre ouvido com a consideração e respeito a que tem direito o seu talento notavel e a sua poderosissima capacidade.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

Exposição da Sociedade de Geographia de Lisboa em Antuerpia

(Concluido do numero 250)

Vae já demorada esta noticia que se planeára brevissima, de como se iniciou e determinou a nossa concorrencia á exposição de Antuerpia.

Como ella se organisou e o que ella foi, soube-o, dia a dia, por dizer assim, o publico, e largamente o registam o excellente catalogo do Commissariado da Sociedade e a collecção de documentos que ella vae publicar, brevemente.

Paramos aqui.

Nao nos propozemos a destrinçar dedicações nem a destribuir louvores.

Exactamente porque nos pareceu impertinente o ensaio malevolo da destrinça sob o proposito evidente de regateio banal, é que chamámos os factos á lembrança.

A exposição da Sociedade de Geographia de Lisboa, em Antuerpia, no meio dos arraiaes dos nossos detractores da ultima hora, ao lado da affirmação theatral do *Novo Estado do Congo*, concorrendo com as exposições officiaes, longamente preparadas, dos mais paizes coloniaes, foi um episodio d'aquella mesma campanha presistente, de revindicações e de protesto de que a propria Sociedade de Geographia é a expressão historica.

Esse episodio foi um triumpho. Se tivesse sido um desastre, não haviam deixar de lhe emparelhar a responsabilidade e o nome da modesta associação que se aventurára a elle. Quando a tentativa suggeria hesitações e receios, a exposição colonial portugueza, como por arbitrario luxo vieram a chamar-lhe depois, era e convinha que fosse para todos os effeitos... do suspeitado *fiasco*, a exposição da Sociedade. Nem era caso para protesto, que precisamente para que não fosse soffrer o paiz com o malogro possivel da empreza, é que a Sociedade tomára sobre o seu nome e sobre o trabalho dos seus socios, o risco d'esse malogro.

O triumpho é que havia de ser sempre do paiz, e foi.

Apressou-se em declinal-o de si, a Sociedade, entregando-o por completo ao governo do Estado, aos expositores, ás auctoridades coloniaes, nos documentos de congratulação e de agradecimento que lhes dirigiu e que a imprensa publicou ha mezes.

Uma observação ainda. A exposição da Sociedade de Geographia em Antuerpia foi tambem um ensaio, uma experiencia, uma especie de preparação para uma empreza não menos ousada decerto, mas não menos necessaria e util e opportuna, tambem. Estava isto, pelo menos, no animo e na aspiração de muitos dos seus promotores.

E foi egualmente uma lição pratica, sob mais de um aspecto: — lição aos nossos incorrigiveis desalentos, e á nossa absurda timidez; — lição aos nossos processos officiaes despendiosos e demorados. Quanto tempo e quanto dinheiro consumiria aquella brilhante exposição se officialmente, tivesse sido organisada?

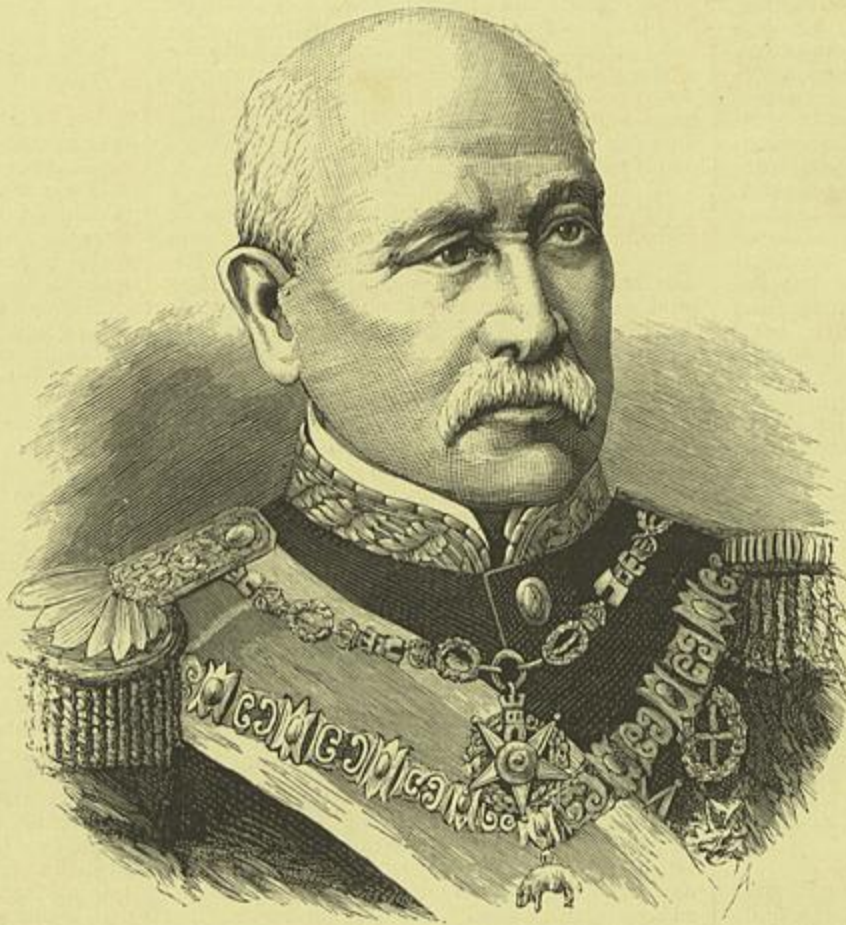
Luciano Cordeiro.

RESENHA NOTICIOSA

Exequias de D. Affonso XII. Celebraram-se com o maior explendor, no dia 12 do corrente, em Madrid, na egreja de S. Francisco, as exequias officiaes em honra do fallecido rei de Hespanha, D. Affonso XII. As principaes potencias da Europa estavam representadas n'esta solemnidade, por enviados extraordinarios; os altos funccionarios civis e militares, a nobreza e o clero de Hespanha, todas as classes, emfim, da sociedade hespanhola tomaram parte nas solemnes exequias, constituindo um auditorio superior a tres mil pessoas. O templo de S. Francisco, que tem estado em obras, em que tem trabalhado os primeiros pintores e esculptores hespanhoes, foi pomposamente armado para as exequias e illuminado com 2:000 vellas; o catafalco estava rodeado por cem tocheiros tendo a cada angulo umas collossaes serpentinas de sete tochas cada uma. Sobre o sarcophago real, coberto com panno de velludo preto bordado a oiro, viam-se os quatro mantos das ordens militares, a coroa e o sceptro real, e em volta estavam collocadas custosas coroas de flores, tributo de sentida homenagem da rainha Victoria, principe de Galles, damas do paço, centro militar, academia militar, embaixador de Venezuela, corpo collegial, etc. O sr. infante D. Augusto representava o rei de Portugal. Na capella-mór tomavam

logar os prelados, os principes extrangeiros, os ministros, as mezas do senado e do congresso, o nuncio, etc. As tribunas da direita estavam occupadas pelo corpo diplomatico, damas da côrte, juizes e altos funccionarios, e as da esquerda pelas commissões do parlamento, ministros honorarios, militares superiores, e fidalguia de Hespanha. Os officios começaram ás 10 horas da manhã entoando-se os seguintes canticos religiosos, regidos pelo maestro Barbieri: *Invitatorio*, de Melchor Robledo, seculo XVI; *Psalmo Domine me in furore tuo*, de Andrés Lorente, seculo XVII; *Antiphona psalmo Domine me Deus* e antiphona a cantochão *Parce mihi Domine*, de D. Ignacio Ovejero, cantado por Napoleão Verger; *Credo quod redemptor*, de Affonso Lobo, seculo XVI; *foedet animam meam*, a cantochão, sem acompanhamento, cantado por Gayarre; *qui Lazarum* de fr. Pedro Tafalla, seculo XVI; missa de Thomaz Luiz de Victoria, seculo XVI; *dies iræ*, de D. Hilarion Eslava; prece *in paradisum*, de Righini, cantada por Gayarre; responso *Libera me Domine*, de Barbieri; *Requiescet in pace*, de fr. Pedro Tafala. Vê-se que n'estas exequias se prestou tambem culto á arte, tanto na maneira distincta como se ornou o templo, como nos canticos que se entoaram dos melhores auctores classicos hespanhoes, desempenhados pelos primeiras summidades artisticas.

Real Gymnasio Club Portuguez. Em a noite de 14 do corrente, realisou mais uma brilhante festa, esta sympathica sociedade da mocidade lisbonense, na sua casa da rua Serpa Pinto. O programma do sarau, composto de variados exercicios gymnasticos, foi executado irreprehensivelmente pelos socios que n'elle tomaram parte, proporcionando horas agradaveis ás pessoas que convidaram para assistir ao sarau. Agradecemos o bilhete com que fomos contemplados.

Quinto salão de quadros. O conhecido grupo de artistas denominado *Grupo do Leão*, abriu a sua 5.ª exposição de quadros modernos, nas salas da redacção do *Commercio de Portugal*, no dia 14 do corrente. N'esse mesmo dia foi a exposição visitada por SS. MM. El-rei D. Luiz e rainha D. Maria Pia e S. A. o Infante D. Afonso, alem de um grande numero de pessoas da primeira sociedade lisbonense. A exposição este anno é mais numerosa em telas, tendo ainda a augmentar-lhe o brilho e importancia, trabalhos de esculptura e faiance pintada. S. M. El-rei adquiriu o quadro de Silva Porto, *Os campinos*, que é uma verdadeira obra de mestre, S. M. a Rainha um quadro de Malhôa, *Aldeia dos Escallos*, que é bem pintado e um dos melhores d'este artista, S. A. o Infante um pequeno quadro do mesmo artista, *Cabeça de estudo*. Brevemente o nosso estimado collaborador Monteiro Ramalho, fará a critica d'esta exposição, como os mais annos, nas columnas do Occidente.

General Serrano, Duque de la Torre

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Versos de Bernardim Ribeiro, edição revista e prefaciada por Xavier da Cunha. Resuscitar, porventura do esquecimento, os versos do mavioso poeta precursor de Camões, é um verdadeiro serviço prestado á litteratura patria; fazer d'esses versos uma edição luxuosa com todos os requintes da arte de Guttemberg, é levantar um monumento ao poeta, monumento primoroso e delicado, como primorosos e delicados são os versos que o compõem. Raras edições se terão feito, que mais em harmonia estejam com a essencia do livro. É esta a impressão que sentimos ao chegarnos ás mãos as paginas especimen da obra. Somos parcos em dispensar elogios, e muito menos mal cabidos; por isso quando recommendamos aos nossos leitores alguma obra, estamos seguros de que o não fazemos inutilmente, taes são os creditos d'esta secção do nosso periodico, que temos sempre procurado fazer conscienciosamente. A edição dos *Versos de Bernardim Ribeiro* será um verdadeiro primor typographico a ajuizar pelo especimen que temos diante dos olhos, e temos razões para affirmar que a obra não desmerecerá d'esse especimen. É apenas de 111 o numero de exemplares que se imprimem, os quaes são numerados e rubricados pelo revisor e editor. O livro é composto em caracteres elzevirianos, tendo as paginas emolduradas por vinhetas de combinação, estylo renascença, com lettras ornamentaes do mesmo estylo no principio de cada poesia, etc.; a impressão feita a preto, sepia e vermelho é em cartolina imperial assetinada, e a brochura resguardada por custosa «pelle de crocodilo». A revisão e prefacio do livro confiado ao sr. dr. Xavier da Cunha é uma garantia do bom desempenho d'esta parte, que demanda de esclarecido criterio e escrupulosa consciencia litteraria. A execução typographica, tal como a acabamos de referir, é desempenhada na Typographia Elzeviriana, onde se imprime este periodico, sob a direcção do sr. Alfredo de Carvalho, um typographo consummado que sabe a sua arte, desde a fundição do typo até á sua impressão no papel. O preço de cada exemplar é de 5$000 réis e a sua publicação está annunciada para fevereiro proximo. No nosso escriptorio recebem-se assignaturas e enviam-se as folhas especimen a quem as requisitar.

AVISO

Com este numero é distribuido gratis a todos os srs. assignantes e correspondentes um supplemento "Acclamação de D. João IV".

Avulso regulam as mesmas condições dos supplementos anteriores.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Concluindo hoje o 8.° anno de publicação do Occidente, devemos algumas palavras de agradecimento e profundo reconhecimento aos nossos assignantes que nos tem ajudado na espinhosa tarefa que ha oito annos nos impozemos de dotar o nosso paiz com uma illustração portugueza.

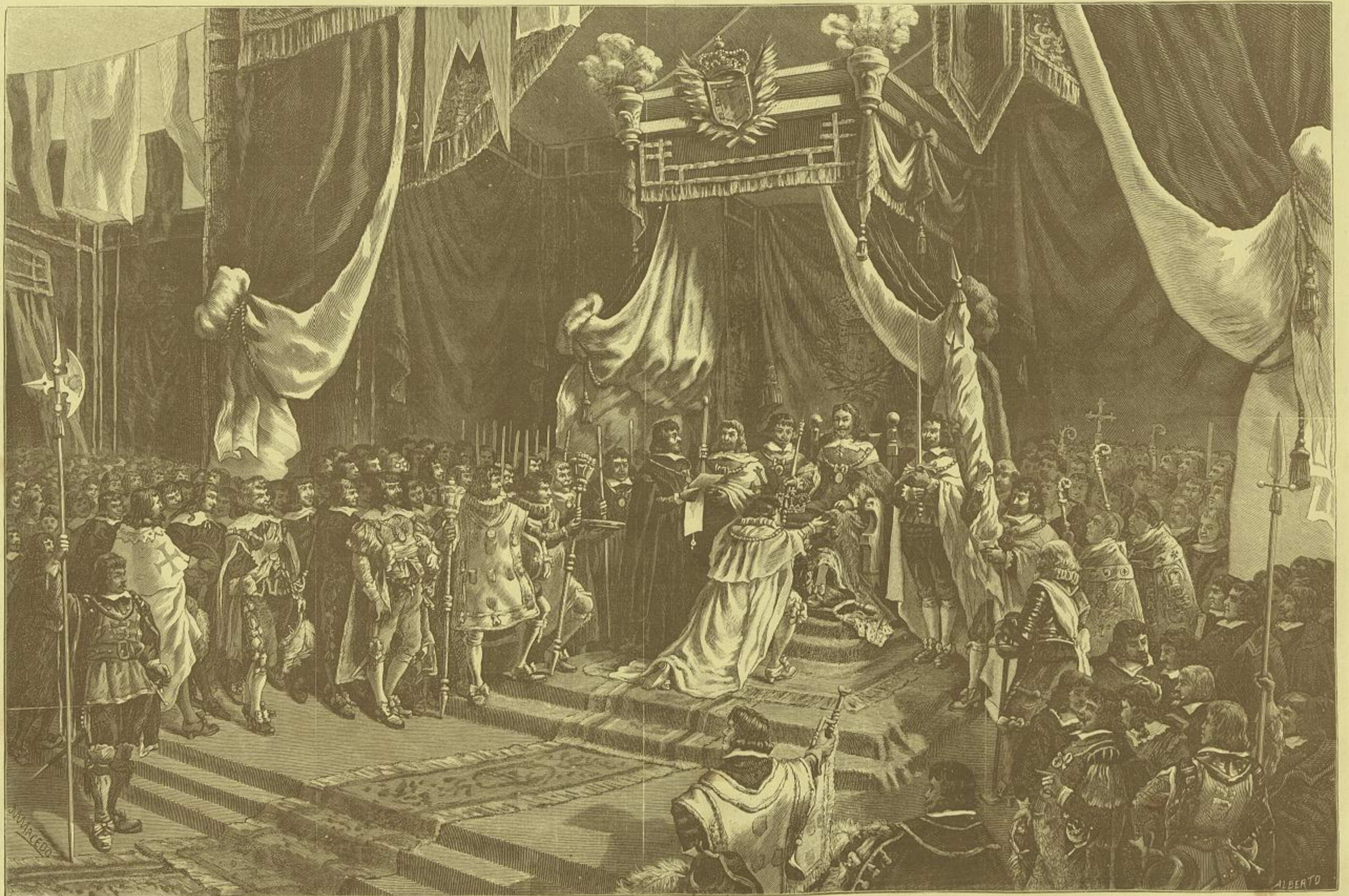
Temos ido mais longe do que presumiamos, tanto na longividade como na latitude que o nosso modesto programma tem attingido, porque de facto nos parece que o sobtitulo de *Revista illustrada de Portugal e do extrangeiro*, que démos ao Occidente, não foi uma palavra vã, e ahi estão a affirmal-o os oito volumes publicados, onde se encontra, quer nas gravuras quer no texto, a resenha de todo o movimento intellectual do nosso paiz e do extrangeiro, na sua parte mais importante, a par da historia politica.

Seria empreza muito mais facil o fazermos uma publicação futil como futeis são os tempos que vamos correndo, mas preferimos ser tão uteis quanto agradaveis, satisfazendo assim melhor á maioria dos nossos assignantes e á nossa consciencia.

Seguindo pois o nosso programma traçado ha oito annos, proseguiremos no nono anno, reiterando os nossos agradecimentos aos nossos assignantes, correspondentes, á imprensa portugueza, e a todos emfim, que directa ou indirectamente nos tem coadjuvado.

A Empreza.

Supplemento ao n.º 252 do «Occidente»

21 DE DEZEMBRO DE 1885

ACCLAMAÇÃO DE EL-REI D. JOÃO IV

Composição e desenho original de Manuel de Macedo — Gravura de Caetano Alberto *(Extrahida do opusculo A Restauração de Portugal)*